

LINGÜÍSTICA APLICADA: DEFINIÇÕES E DESAFIOS

Charlene S. M. Meneses de Paula*

RESUMO

No presente artigo, estabeleço algumas diferenças entre Lingüística e Lingüística Aplicada e me centro no objeto e no campo de estudo da segunda, nos problemas que esta enfrenta e nos futuros desafios que enfrentará. Também abordo acerca da relatividade da ciência da linguagem e discuto a necessidade que a Lingüística Aplicada tem em estabelecer contato com outras ciências e a urgência necessária de que a disciplina seja conhecida e aceita, principalmente no universo acadêmico. Por fim, crio uma definição geral para a ciência da linguagem.

Palavras-chave: Linguística. Linguística Aplicada. Definições. Transdisciplinaridade. Desafios.

Quando comecei meus estudos lingüísticos de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, não tinha noção do que esta viria a ser e julgava que, ou seria sinônimo de Lingüística, ou aplicação de teoria lingüística, ou, em uma hipótese mais remota, que seria ensino e aprendizagem de língua estrangeira. E foram as duas últimas hipóteses que me levaram a me matricular no curso, porque eu achava Lingüística uma disciplina chata, teórica e formal demais. Lingüística Aplicada era algo muito vago e confuso para mim. Hoje, após o módulo estudado – Lingüística Aplicada: Ensino de Língua Estrangeira – meus conceitos mudaram e agora entendo o que é essa ciência, sua real importância, seu compromisso com o social, toda a sua multiplicidade e a incerteza e risco que a caracterizam. Para construir este artigo, uso os seguintes teóricos: Marcuschi¹ (2003), Rajagopalan (2003a; 2003b; 2003c; 2003d), Pessoa (2002), Celani (1992; 1998), Cavalcanti (1986), Almeida Filho (1991) e Orlandi (2006).

Uma das primeiras coisas que aprendi é que existe uma confusão gerada pelo nome – Lingüística Aplicada –, que me fez imaginar um conceito errôneo para o que viria a ser essa Lingüística, mera aplicação de teorias da Lingüística. Implícito nesse meu conceito, também

*Aluna de pós-graduação *Lato Sensu* em Lingüística Aplicada: Ensino de Línguas, da Faculdade Araguaia, localizada em Goiânia – GO. E-mail: charlenestephany@yahoo.com.br

¹ Ao ler o texto deste lingüista, concluí que ele não faz distinção entre Lingüística e Lingüística Aplicada. Embora não utilize o último termo, ficou-me claro que acredita na existência de “uma” LINGÜÍSTICA, que evolui constantemente e que hoje tem as características da Lingüística Aplicada, da qual, no presente artigo, trato.

estava outro: essa tal de Lingüística Aplicada (prática) deve ser um ramo da Lingüística (teórica), a ciência-mãe. Segundo Maria Antonieta Alba Celani (1998, p. 130), “já está de longe ultrapassada a época em que a Lingüística Aplicada era entendida como mero consumo, mera aplicação da Lingüística, ocupando posição subserviente”.

Lembro-me de uma entrevista de Kanavillil Rajagopalan, disponível na rede mundial de computadores, em que ele afirma ser uma infelicidade que esta ciência contemporânea tenha na nomenclatura o Aplicada, pois realmente conduz a conceitos errôneos e a distinção entre prática e teoria. Em outra entrevista, concedida a Antônio Carlos Xavier e Suzana Cortez e presente no livro *Conversas com Lingüistas: virtudes e controvérsias da Lingüística* (2003a), afirma que se recusa a aceitar tal distinção, pois “um teórico que não pensa na prática é um teórico inútil” (2003a, p. 180). Ao ser perguntado, pelos organizadores do livro, acima referidos, o que é lingüística, o lingüista indiano afirma que “é uma das tantas maneiras de pensar a linguagem, que, por razões históricas, passou a ser “a” ciência” (2003a, p. 178). Nesse sentido, seria a ciência imutável, incontestável, feita, pronta e acabada, o que barraria o trabalho do lingüista, visto que não há o que trabalhar, o que observar, o que investigar, o que descobrir, o que refletir, o que mudar. E, como afirma Celani, “por estarem diretamente empenhados na solução de problemas *humanos* que derivam dos vários usos da linguagem, os lingüistas aplicados estão envolvidos em trabalho que tem uma dimensão essencialmente dinâmica” (1992, p. 21, grifo da autora).

Segundo Eni Pulcinelli Orlandi, “a Lingüística se definiu [...] como o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana” (2006, p. 09). Ora, sendo a linguagem inerente ao ser humano, e por estar este em constante instabilidade, essa sofre várias mutações, pois a língua é construída, dia após dia, pelos seus usuários, e nunca estará pronta, acabada. O estudo da Lingüística, portanto, é um estudo constante e infundável. E faz-se necessário, ver a Lingüística não mais como um estudo cristalizado e formal da língua, como mera descrição desta. Daí a necessidade de se criar uma nova Lingüística, uma nova ciência, que não funcione como seita, que seja aberta, que saia de seus limites tradicionais e que incentive os lingüistas a investigarem e a pensarem sobre a língua em seu uso real: a Lingüística Aplicada.

Para Saussure (1971 *apud* PESSOA, 2002, p. 21), “como a linguagem escapa à observação, o lingüista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados e distantes”. Tal afirmação leva-me a concluir a impossibilidade de

se observar e solucionar problemas lingüísticos orais, havendo por isso a necessidade de descrever e explicar apenas os textos formalizados, escritos, com o foco na forma. E esse trabalho teórico, sobre o texto escrito, é o que caberia ao lingüista, segundo o teórico suíço conhecido como o pai da lingüística moderna. Contrariando-o, temos uma grande autoridade no campo da Lingüística Aplicada, Widdowson (2000 *apud* PESSOA, 2002, p. 28), que definiu esta ciência como “uma tarefa que de algum modo estaria relacionada com algum problema lingüístico do mundo real”. Tal conceito, para a Lingüística Aplicada, amplia o seu campo de estudo, considerando, a meu ver, tanto a teoria quanto a prática.

Luiz Antônio Marcuschi não vê a Lingüística como o estudo apenas de formas e discorda da “definição estrita de lingüística por seus objetos [...]: fonologia, morfossintaxe, semântica”. Para o professor da Universidade Federal de Pernambuco, tal ciência é muito ampla:

A lingüística pode ser mais ampla e envolve inclusive lingüística de texto, análise do discurso e análise da conversação, por exemplo. Isto é, envolve processos, atividades, e outras coisas mais. [...] Ela envolve muito mais do que apenas o estudo das formas. Acho que seria a investigação das formas, dos usos e das atividades lingüísticas. Aí podemos estudar o texto, os gêneros, os discursos, a aquisição, a interação, e, por que não?, também a sintaxe e a fonologia. (MARCUSCHI, 2003, p. 136)

Para muitos estudiosos, tais objetos e campos de estudo possíveis na Lingüística, apresentados por Marcuschi, caracterizam a Lingüística Aplicada e ajudam a defini-la, como uma ciência ampla, envolvente, prática e teórica, investigativa e descritiva. Rajagopalan afirma que a reducionista Lingüística “está perdendo o bonde da história” (2003a, p. 178), que “não precisa ter mais lingüística!” (2003a, p. 180), que “a lingüística parou no tempo” (2003a, p. 181) e que “a lingüística não está ocupando seu devido lugar” (2003a, p. 181). Considero que a posição assumida por esse autor dentro do campo de estudos lingüísticos é um pouco radical, pois acredito que sempre haverá a necessidade da Lingüística, seja ela Aplicada ou não, visto que a linguagem é inerente ao ser humano e está em constante uso e sempre sofrendo mudanças, perdas e ganhos. Acredito também que a Lingüística não parou no tempo, mas evoluiu, e agora é abordada sob novos aspectos e vista sob novos e abrangentes ângulos, não mais apenas sob aspectos formais e descritivos.

Não desconsidero a importância que a Lingüística de Saussure e de seus sucessores teve para o estabelecimento da ciência da linguagem e o estudo pioneiro que esses teóricos desenvolveram, inédito e tão admirado na época, assim como a necessidade que sempre existirá de conhecer essas primeiras teorias para que se entenda o atual status dessa ciência. Reconheço, no entanto, que essa ciência primeira estagnou-se no que diz respeito à produção de teorias, que agora existem graças à Lingüística Aplicada, que muito ajuda e contribui para a solução de problemas reais relacionados à linguagem no mundo (pós) moderno.

Uma das características que ajudam a caracterizar a Lingüística contemporânea, ou aplicada, e que a diferencia da Lingüística, é a transdisciplinaridade, tema trabalhado por vários autores, como o próprio Rajagopalan (2003b), Celani (1998), Marcuschi (2003), Cavalcanti (1986), entre outros.

Em seu artigo “Relevância social da lingüística” (2003b), Rajagopalan levanta alguns questionamentos acerca do atual status da Lingüística e de sua necessidade de estabelecer diálogo com outras ciências. Segundo ele, a Lingüística se encontra em uma fase de desgaste, de estagnação – falta de investimentos, crescente fechamento de matrículas e cada vez menos matrículas nos cursos de Lingüística, fechamento de departamentos de estudos lingüísticos –, justamente devido “a ausência de grandes diálogos com outros domínios do conhecimento” (RAJAGOPALAN, 2003b, p. 41). Rajagopalan afirma que “os grandes momentos na história da lingüística invariavelmente foram aqueles nos quais houve intensos diálogos inter- e transdisciplinares em torno de questões mais amplas envolvendo a linguagem” (RAJAGOPALAN, 2003b, p. 40). No atual estado em que a Lingüística se encontra, viu-se a necessidade de repensá-la e abordá-la sob outros aspectos, instalá-la em um novo paradigma – o transdisciplinar –, a fim de salvá-la, pois “qualquer disciplina que se dá ao luxo de permanecer restrita a uma torre de marfim corre o perigo de perder todo o vínculo com os anseios da sociedade que, no fim das contas, arca com as despesas necessárias para sua manutenção” (RAJAGOPALAN, 2003b, p. 42).

É essa transdisciplinaridade que caracteriza a Lingüística Aplicada, que torna-se componente fundamental na definição da disciplina. Segundo Celani (1998, p. 133): “A Lingüística Aplicada parece ter vocação para uma atitude transdisciplinar. Essa preocupação com o social, com o humano, há tempos tem sido objeto de pesquisa em Lingüística Aplicada e, de fato, é componente fundamental na definição da disciplina”.

Após a leitura do artigo dessa autora, conclui que a transdisciplinaridade seria a necessidade de se comunicar e interagir com outras áreas do domínio do saber, indo além do âmbito de cada uma em particular, a fim de buscar soluções para os fenômenos observados e investigados. Tal comunicação e interação são dinâmicas, incertas, arriscadas, daí a importância da tolerância e da abertura de espírito do lingüista aplicado, que é, a um só tempo, teórico e prático. Teórico, na medida em que estuda teorias de outros campos e aquelas nascidas dentro da própria Lingüística Aplicada – Psicologia, Sociologia, Antropologia, Estatística, Educação, Inteligência Artificial e até mesmo a Lingüística – para ajudá-lo em sua prática e teoriza acerca desta prática; e prático, na medida em que vivencia problemas reais e tenta solucioná-los com a ajuda de outras ciências. Como afirma Celani (1998, p. 142), a Lingüística Aplicada, é “um rei sem reino”, assim como todos os reinos no domínio do saber.

Marcuschi vê a transdisciplinaridade na Lingüística como algo natural e complexo, próprio da linguagem:

A linguística tem uma coisa muito importante: ela com muita facilidade se apropria de todas as ciências. A interdisciplinaridade, que em outras áreas é complicada e precisa ser pensada, na lingüística tem que ser até barrada, porque ela é muito natural, ela é muito espontânea. A interação com muita facilidade com todas as áreas é um ponto forte e fraco ao mesmo tempo que a lingüística oferece. Muitas pessoas acham que essa facilidade de relações transdisciplinares da lingüística leva a uma superficialidade e transforma a própria lingüística numa disciplina transdisciplinar que é uma coisa meio mutante. Mas eu penso que justamente esse é um aspecto interessante na lingüística. Ela não é um estudo estático, rígido, coordenado por perspectivas estritamente lógicas, bem montadas etc. Eu diria que isso é da natureza da própria linguagem. (MARCUSCHI, 2003, p. 139-40)

O lingüista defende também a transdisciplinaridade que, ao contrário do que se pensa, não superficializa os estudos, as pesquisas, os processos investigativos, mas fortalece-os. A meu ver, esse não é apenas um aspecto interessante na Lingüística atual (Lingüística Aplicada), mas o mais interessante.

Marilda C. Cavalcanti (1986, p. 9), define a Lingüística Aplicada como “abrangente e multidisciplinar em sua preocupação com questões de uso de linguagem”. Kaplan (1980 *apud* CELANI, 1992), afirma que “a L[inguística]A[plicada] constitui o ponto no qual todo o estudo da linguagem se encontra e se torna realidade”. Como foi visto, são vários os autores que

reconhecem a Lingüística Aplicada como uma ciência transdisciplinar, como o ponto nevrálgico onde a linguagem se intersecciona com outros ramos do domínio do saber. Acho importante comentar aqui, algo que Almeida Filho deixa claro em seu artigo “Maneiras de compreender Lingüística Aplicada” (1991): não são as várias ciências com as quais a Lingüística Aplicada estabelece contatos, que a tornam científica, visto que ela própria tornara-se, “na medida em que definiu seu objeto de pesquisa, nomenclaturas e procedimentos explícitos de pesquisa” (1991, p. 8).

Em seu artigo “A lingüística aplicada e a necessidade de uma nova abordagem”, Rajagopalan (2003c) registra os interesses políticos que envolveram (grandes investimentos) e que ainda envolvem (descaso e falta de investimento) o estudo e o desenvolvimento da Lingüística, afirmando que de 1980 em diante, ela vem apresentando um certo desgaste e políticos vêm tomando o lugar dos lingüistas. Diante disso, considero que cabe à Lingüística Aplicada assumir o posto da disciplina-mãe, não deixando de considerá-la, e aos lingüistas aplicados, assumirem o posto dos lingüistas teóricos, também os considerando, e reassumirem o seu posto usurpado pelos políticos, que pouco ou nada entendem acerca da língua.

O professor da Unicamp vê linguagem como poder e dominação. Para ele, língua é política: “conceitos lingüísticos [...] não têm nenhuma validade, a não ser a validade política. Língua é uma bandeira política que você ergue de acordo com suas conveniências políticas” (RAJAGOPALAN, 2003a, p. 176). Cabe aos lingüistas não aceitarem ficar à margem de discussões políticas que envolvam a língua, como tem acontecido, e lutar, exigindo participação, e participando efetivamente, mesmo que seja por meio de publicação de trabalhos, produção de teorias, entre outros, já que, como o próprio Rajagopalan sustenta em seus trabalhos, tudo que é dito, feito ou escrito é carregado de intenções políticas e ideológicas e pode acabar intervindo em acontecimentos, formando opiniões e influenciando pessoas. Segundo ele “trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente, com toda a responsabilidade ética que isso acarreta” (RAJAGOPALAN, 2003d, p. 125). Aos lingüistas é possível intervir na linguagem, e por meio dela, nos acontecimentos e pessoas, pois eles têm amparo e incentivo para tanto, afinal, não é à toa que temos associações de Lingüística e de Lingüística Aplicada espalhadas pelo mundo. Só no Brasil, temos a Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN) e a Associação Brasileira de Lingüística Aplicada (ALAB).

Como Rajagopalan, vejo que assim como a Lingüística não está ocupando seu devido lugar, a Lingüística Aplicada, também não está assumindo o seu devido e merecido lugar, ou melhor, ainda não está, pois não é compreendida em sua amplitude, abrangência, interatividade e dinamicidade. Segundo o mesmo lingüista (2003c, p. 79-80), “à lingüística aplicada pode estar reservada a tarefa histórica de reanimar a própria disciplina-mãe que [...] se encontra em estado doentio, necessitando de novo ânimo”, ou ainda “a lingüística aplicada do futuro não só englobará determinadas funções que eram monopólio da disciplina-mãe, como ocupará o terreno perdido por ela, sobretudo nos anseios populares do dia-a-dia” (RAJAGOPALAN, 2003c, p. 80).

Acho, que nós, professores e (quem sabe?) futuros lingüistas aplicados temos que lutar para fortalecer o status da Lingüística Aplicada, esclarecer sua definição e seus objetivos, torná-la popular, mostrar sua relevância social e a necessidade de estudá-la. Tal trabalho de desmistificação da Lingüística e de sua redefinição como Lingüística Aplicada, deveria ser iniciado dentro das universidades, para que os alunos se interessem pela disciplina – que muitas vezes é taxada de chata, fechada, dura – e reconheçam sua real utilidade, seu comprometimento e ética. Como afirma Rajagopalan (2003a, p. 182), “[precisamos] tornar o discurso sobre a lingüística, em sala de aula, mais agradável, entre outras posturas [...] [temos que] procurar fazer com que a lingüística se transforme em uma disciplina realmente atraente para os nossos alunos”. Acredito que a Lingüística Aplicada só terá a ganhar: defensores, admiradores, lingüistas. Além disso, considero importante que o trabalho do lingüista seja mais conhecido, reconhecido, respeitado e valorizado, o que creio que ocorrerá como consequência da promoção lingüística que deve ser feita.

Marcuschi (2003, p. 140), ao ser perguntado acerca dos desafios para a lingüística no século XXI, afirma que “a agenda de século XXI é uma agenda de fundamentação da reflexão da proposta sociocognitiva e de uma visão ética da língua”. Tal agenda por apresentar tarefas – relativas aos estudos da linguagem e de suas manifestações – que não se esgotam e que levarão à reflexão, demonstra que esse campo de estudos é promissor, especulativo, infundável.

Antes de finalizar meu texto, não posso deixar de comentar a seguinte afirmação de Rajagopalan: “a lingüística, enquanto um campo de saber e de pesquisa, é certamente algo *criado* pelo homem, e o que é moldado pelo homem pode sempre ser redesenhado e refeito de acordo com os anseios da época” (2003b, p. 44, grifo do autor). Desse modo, o anseio da contemporaneidade relaciona-se ao estudo transdisciplinar, que vêm mostrando bons resultados e

abrindo novos caminhos para pesquisas, mas não me iludo ao pensar na eternidade de tal tendência, pois assim como a Lingüística já teve seus momentos áureos e a Lingüística Aplicada os está tendo agora, e certamente ainda os terá por um bom tempo, não excluo a possibilidade de que um dia ela venha a ser revestida com uma nova abordagem ou substituída por uma nova tendência.

Encerro agora este artigo com a minha definição da ciência da linguagem conhecida como Lingüística Aplicada. Para mim, Lingüística Aplicada é o estudo da constituição de um homem social e político: de seus anseios, problemas, inconstâncias, condutas, dos sentidos que constrói através das palavras e das manifestações que realiza por meio delas. É também o estudo do lugar que este homem ocupa na sociedade e de como ele é visto e construído por ela, de todas as ideologias que ela sustenta e que fazem com que este homem tenha esta ou aquela postura, este ou aquele discurso, que pode estar em congruência com os seus interesses ou com os de forças superiores que o oprimem e que o assujeitam. Enfim, é o estudo de uma prática interativa e compromissada – a língua – existente entre homens de uma sociedade, regida por normas, leis e regras que acabam o influenciando e o determinando dentro dela, seja de forma mais amena ou avassaladora.

ABSTRACT:

In this paper, I set some differences between Linguistic and Applied Linguistic and I call attention to the object of the second and its area of study, to the problems that this science has to face and to the future dares that it will have. I also talk about the relativity of the language science and about the needs that Applied Linguistic has to set contact with other sciences and the urgency necessary that this discipline be known and accept, mainly in the academic universe. Finally, I create a general definition to the language science.

Keywords: Linguistic. Applied Linguistic. Definitions. Transdisciplinarity. Dares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Maneiras de compreender Lingüística Aplicada. In: *Letras*. Santa Maria: UFSM, 1991. n. 2, p. 7-14.
- CAVALCANTI, M.C. A propósito de Lingüística Aplicada. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. São Paulo: Unicamp, 1986. n.7, p. 5-12.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é Lingüística Aplicada? In: PASCHOAL, M; CELANI, M.A.A. (Orgs.) *Lingüística Aplicada: da aplicação da Lingüística à Lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDIC, 1992. p. 15-23.
- _____. Transdisciplinaridade na lingüística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 129-142.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. In: *Conversas com Lingüistas: Virtudes e controvérsias da Lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 131-140.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é Lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PESSOA, Aline Ribeiro. A lingüística e seus campos de interesse. In: *Desempenho*: Revista dos Mestrados em Lingüística Aplicada da UnB. 2002. n.1, p. 19-29.

RAJAGOPALAN, Kanavilill. In: *Conversas com Lingüistas*: Virtudes e controvérsias da Lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2003a. p. 175-182.

_____. Relevância social da lingüística. In: *Por uma lingüística crítica*: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003b. p. 37-48.

_____. A lingüística aplicada e a necessidade de uma nova abordagem. In: *Por uma lingüística crítica*: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003c. p. 77-80.

_____. Por uma lingüística crítica. In: *Por uma lingüística crítica*: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003d. p. 123-128.